

# POÉTICAS

## O FUTURO DO PASSADO

Toda viagem é uma descida ao reino dos mortos. Deixa-se para trás a vida de todos os dias e desembarca-se entre imagens de outros tempos e espaços. As memórias do passado desvelam-se perante olhares muito abertos a futuros alternativos. Informes ou em formação. A cada passo, estalam ligeiras explosões de crepúsculo nas veias. Sempre adiante: impossível encontrar uma via de retorno.

Céu acima, o sol estala. Ofuscante como apenas a Verdade ou o sumo Bem. Os olhos se esforçam por se abrir, encarar o solo que se espraia sobre mistérios pulsantes para vir à tona — para receber em seu regaço a mão estranha. Hospitalidade insólita de um estrangeiro estranhamente familiar. Mas a terra de nossos sonhos ainda está tão longe.

Um amanhecer eivado de desmaios e anseios. A luz derrama sobre o mar mil azuis e entalha nossos rostos em linhas duras de sombra. Caminhamos em silêncio. Em silêncio, embarcamos.

No vagar de gaivotas ao sabor dos ventos, sabemos alvoroçarem-se em nossos peitos mil outras memórias... Mil outros desejos. Em meio a vogais voando através dos ares da manhã, vogamos devagar. Ao sabor de vagas, lembranças. Os traços de espuma do barco escorregam lentamente e interceptam no infinito o horizonte.

Impossível entrar duas vezes no mesmo mar. Duas vezes amar. Mas eu juro: dois verões sob o sol mediterrânico, duas vezes em seu mar. Remetendo eternamente para depois a saciedade da sede. A

cada vez e sempre de novo. Posto que todo envio pode se extraviar, as veias abertas ao futuro são desvios ao porvir. E ele há de vir. Sem jamais revir. Tornar-se. Sem jamais retornar. Desvirtuando todas as vias outrora traçadas para restringir nossos passos ao limite das margens. Devidamente imaginoso, como quem se lança para além de si, na dança dos significantes, e, voltando a sós, em silêncio, enfim se alcança. Em si e em outro. Repetir-se é impossível, embora incontornável. Repitamo-nos, portanto.

Desembarcamos. Desencavamos. Presente. Passado. No toque áspero e frio do futuro, memórias de outros lugares despertam da noite dos séculos. Sem esperar pelo momento certo ou pelo lugar apropriado, as esporas do tempo se espalham na pele de nossos dias. Espocam esperanças. No silêncio de brumas marinhas pouco a pouco desfeitas, a luz desenha nuances de azul no horizonte. Um torso marmóreo e nu — eternamente à flor da idade — destaca-se contra o sol de uma imagem marcada a fogo na retina das madrugadas. For-ma-da. Impossível indiferença.

Tocar essa pele tão firme, essa tão pétrea pele, não é tocar, mas ser tocado.

No oco do ser, está-la. Estar e extasiar-se. A si. Estar-se.

Escutar o retinir da pedra no repentino de um susto não é escutar, mas se escutar.

No eco do estar, sê-lo. Ser e cerrar-se. Em si. Ser-se.

Indiferença impossível? Incontornavelmente condenada ao pó. Na poeira de velhos volumes dormindo no interior de bibliotecas soterradas pelo tempo. No pólen de ardentes arbustos brotando no exterior de bosques fecundados pelo espaço. O pó das cinzas. A paixão das chamas. Esporas. No toque capaz de comunicar vida e morte ao mais ínfimo dos poros. Numa transmissão que percorre a mais íntima das veias e alcança o coração. Feito estribilho que se aprende de cor. Na borda do rosto de quem chora sua oração. Na dobra do torso de quem ora seu choro. Incenso aceso nas sombras da espera. Adormecendo as dolorosas cores do crepúsculo. Despertando os perfumes luminosos da manhã.

Um incêndio inicia-se na surpresa de um estrépito. E, sem levantar suspeitas, uma substância escarlate escorre melodiosamente pela superfície das horas, desvelando vetustas histórias que rondam estranhos e profundos desejos: predizendo crimes imprevisíveis; prescrevendo penas inauditas; pressupondo fins imprescritíveis. Para além da invenção da prensa, ou de toda e qualquer representação, as impressões jamais serão desfeitas e suas insólitas expressões estão fadadas a permanecer na memória do silêncio: quando o sol de súbito se fere, a tarde de pronto arrefece e toda a ardência em seus confins fenece. Faz-se o fim. Face a face. Sem disfarce. Assim o fim se faz e em si nos faz: efêmeros nenúfares no lusco-fusco de um final de tarde.

Lendo, vendo, ouvindo...

Nós. Atados pelos atos de um segredo acordado em silêncio. Acordado nas horas mais noturnas. Nas urnas de cinzas das horas. Unas. Nuas. Nossas.

A compulsão pelo som sentido quando se saboreia o roçar da língua contra os dentes, nasalizando delícias apenas imaginadas, atrai os dedos para linhas traçadas muito além do pensamento. E num relampejar de olhos que se dá na eternidade de um instante, o dia já não pode adiar a despedida.

A despeito de todo o desejo, a despeito de toda a delícia, o instante se desvela efêmero e repentinamente indica que as sílabas mais singelas escondem os mais profundos segredos. Incontornavelmente breves. Nas curvas sinuosas de uma taça de cristal, nos vales insuspeitados de uma vida em claro, encontramos as visões de um passado por vir. As mãos cansadas de cavar o solo. Os olhos buscando num horizonte de azuis — o céu amalgamado ao mar — o fôlego talvez de um ínfimo consolo. A boca sequiosa de um néctar que vinho algum pode ofertar. Entro em mim. Nós adentro. Penetro as entranhas do ser. Nas concretudes da carne, as mãos aproximam-se com pás e picaretas, atentas aos restos de memórias enterradas nas areias do agora, perscrutam as proximidades, achegam-se do ponto crítico e dão início a um trabalho de Sísifo: rever & rever. Mas aquilo que nessas longas jornadas por ventura eu meça, já não estou mais certo de poder adormecer. Não mais como antes. Nem continuar... Contínuo. Como quem escava uma antiga ruína, como quem raspa um caco de cerâmica, como quem carrega os detritos do passado, continuo este trabalho: escrevo, escravo, inscrevendo em curvas os

cravos com que busco fixar uma ideia para além de sua cova. Em vão. E cavo. Ao fim e ao cabo dessa viagem, vão. Meu escrito. Meus escritos. Ritos secretos de um sacro insucesso, nada mais faço do que repetir minha promessa em prece. E oro. Ora, oro. Oroboros. A fim de coroar nossa aurora das mais auspiciosas auras. E termos. Na manhã do outro lado do retorno.

Toda viagem de volta ainda é uma ida. A via de quem torna — ainda que pareça a mesma — dá-se sempre a cada vez em nova vinda. Advinda. Retornar é ainda tornar-se. Retornar-se. Voltar sobre os próprios passos. Voltar-se. Revoltar-se. E, no entanto, ainda continuar. Ainda e de novo. De novo e de novo. Escrever e reescrever. Toda viagem de volta ao mundo dos vivos é ainda e sempre uma ida ao reino dos mortos.<sup>1</sup>



1. Esta apresentação do dossiê "O futuro do passado" retoma o texto "Dois verões sob o sol da Grécia", apresentado no dia 11 de novembro de 2020, no IX Simpósio Lendo, Vendo e Ouvindo o Passado, organizado pela Profa. Maria Cecília de Miranda N. Coelho.

Contribuições para o dossiê poético “O futuro do passado”\*

**TEXTOS:**

*TESTIMONIA*

Antônio Martinez De Rezende

Jaa Torrano

Paulo Sérgio de Vasconcellos

*FRAGMENTA*

André Malta

Bernardo Guadalupe Lins Brandão

Fabíola Menezes de Araújo (A Cabocla Fabíola)

Jacyntho Lins Brandão

Júlia Batista Castilho de Avellar

Raimundo Carvalho

**ILUSTRAÇÕES E TATUAGEM (REPRODUZIDA EM FOTOGRAFIA):**

Jean Tótola

**ORGANIZAÇÃO, INTRODUÇÃO E FOTOMONTAGENS:**

Rafael Silva

\* As minibiografias de quem contribuiu com o presente dossiê encontram-se ao fim do documento.

## TESTIMONIA

|

### *KALLÍNIKOS ZELIA*

**Jaa Torrano**

Nos últimos anos da primeira metade da década de 70, fui aluno de Literatura Latina da Profa. Dra. Zelia de Almeida Cardoso. Inesquecíveis a avassaladora serenidade irradiada dos olhos indefiníveis para mim entre verdes e azuis, e a discreta ironia quase imperceptível com que se analisava a motivação supersticiosa do comportamento das personagens de Plauto.

Ao longo da década de 90 e seguintes, fui colega da Profa. Dra. Zelia de Almeida Cardoso no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Logo de início e em condições adversas e involuntárias guindado a coordenador do Programa, constatei e verifiquei que, de todos os meus conhecidos, ninguém estava mais próximo e participava mais da Deusa Palas Atena, filha de Zeus, do que a Profa. Zelia.

Palas Atena é a Deusa que se manifesta na sabedoria prática, no saber fazer. O seu epíteto épico é *glaukôpis*, traduzido “de olhos de coruja” ou “de olhos glaucos”. Walter Friedrich Otto, em seu livro *Os Deuses da Grécia*, explica o sentido teológico desse epíteto: *glaukós* (“glauco”) é o verde brilhante da folha de oliveira, do mar ou dos astros; a coruja, *glaûx*, em grego, se nomeia segundo o brilho do olhar;

e *glaukôpis* descreve, pois, a argúcia do olhar que vê com clareza o fim a ser alcançado e os meios de consegui-lo. Palas Atena é uma das três Deusas virgens da mitologia grega, porque nenhuma sedução pode distraí-la, nem a afastar do fim que se propõe, nem dos meios para consegui-lo; só a vitória lhe diz respeito e lhe convém.

Naqueles anos precários e difíceis (como soem ser todos os anos), pude salvar da desapareição o Programa e levar a bom termo a coordenação por um decênio, graças à presença prestativa da Profa. Zelia que, com avassaladora serenidade do olhar e com discreta ironia quase imperceptível, me deu todo o auxílio e todos os conselhos necessários e eficazes para tirar o pé do pântano e levar a marcha em frente.

II

**Paulo Sérgio de Vasconcellos**

Neste meu depoimento, exercício de memória afetiva, tratarei dos meus tempos de graduação e pós-graduação no curso de Letras Clássicas da Universidade de São Paulo. Lembrarei meus mestres e, ao final, destacarei um deles, que mais me influenciou nos meus quase quarenta anos de docente de Latim, primeiramente na Universidade Mackenzie e na própria USP, depois, por mais de 30 anos, na Universidade Estadual de Campinas, onde me aposentei em 2019, ainda que continue trabalhando como Professor Colaborador.

Como descobri o latim? Meu pai era um engenheiro químico muito dedicado à sua profissão e tinha uma biblioteca importante sobre o tema, com livros em vários idiomas; num primeiro momento, pensei em seguir seus passos: na época de me decidir por um curso no vestibular, comprei um manual da Fuvest e preenchi a ficha de inscrição indicando engenharia química como primeira opção. No último momento, porém, ao me dar conta de que eu gostava mesmo é de literatura (aliás, meu pai, em certa época, recitava poesia na hora das refeições quando a família se reunia: sonetos de Antero de Quental e Augusto dos Anjos, por exemplo) e também apreciava questões de linguagem em geral, rasguei a ficha e comprei outro manual, desta vez me inscrevendo para Letras-Português na USP. O momento da matrícula no curso foi confuso; falta de informações, não sabia que, além de Português, minha primeira opção, naqueles tempos poderia escolher mais uma ou duas línguas estrangeiras

como currículo a cumprir, se obtivesse vaga a partir de minha classificação no vestibular. Matriculei-me, então, apenas em Português, preenchendo a carga horária que sobrava com optativas. Fiz, no primeiro ano, o chamado currículo mínimo, que tinha Latim, e já me encantei por seu estudo; no segundo ano, fiz Latim optativo nos dois semestres. Depois disso, acabei por fazer um novo vestibular para poder cursar Latim como segunda língua, o chamado “básico” de Latim. Cursei Português, Latim e Francês; paralelamente, assisti a aulas de Grego antigo como aluno regularmente matriculado ou ouvinte. Neste meu depoimento, concentro-me na minha formação em Latim, já que sou docente dessa disciplina, mas não de Grego.

O que eu mais admirava nos meus professores de Latim da graduação também viria a encontrar nos cursos de pós. Eram docentes que tinham um grande rigor no trato da língua latina, aliando conhecimento profundo de sua gramática e uma grande capacidade didática. No âmbito da língua, as questões mais complexas eram explanadas com precisão cirúrgica e didatismo. E todos esses meus professores tinham uma escrita em português que refletia seu gosto pelo cultivo do idioma, todos eles escrevendo muito bem, de forma elegante, o que nem sempre se encontra na redação acadêmica. Em resumo, rigor, didatismo e paixão pelo objeto de estudo: esses foram para mim os maiores ensinamentos dos meus mestres da USP. Sempre recordarei o professor Antônio da Silveira Mendonça, com suas aulas de tradução de Catulo, vívidas e instigantes, que me estimularam a estudar o poeta no mestrado e falarei mais dele abaixo. Menciono também:

- O professor Ariovaldo Augusto Peterlini, já falecido, que tinha um domínio extensíssimo da morfossintaxe do latim e do português (uma espécie de enciclopédia viva sobre o tema, conhecedor de todas as minúcias gramaticais). Quando se aposentou como professor da Faculdade de Letras da Universidade Mackenzie, Peterlini me indicou para o substituir dando as aulas dos dois anos de Língua e Literatura Latina que a faculdade oferecia. Devo-lhe meu tempo no Mackenzie, uma época muito feliz. Naquele 1985 em que comecei minha carreira universitária como professor nessa instituição, tive a sorte de ter turmas excelentes, no diurno e noturno, de jovens empenhados e corteses.

-Uma classicista sempre muito atuante na defesa dos Estudos Clássicos, a professora Zélia de Almeida Cardoso, que ministrava aulas muito prazerosas sobre a poesia latina; foi num curso de pós sobre Tibulo ministrado por ela que tive meu primeiro contato com a elegia romana, gênero poético a que de quando em quando retorno em minhas aulas e pesquisas.

-A professora Maria da Glória Novak, pesquisadora profunda de Lucrécio, a quem continuamente citava, e outra conhecedora exímia da língua latina. Glória exibia uma personalidade exuberante e inesquecível: uma pessoa diferente, amavelmente diferente, especial.

-A professora Ingeborg Braren, já falecida, rigorosa e amiga generosa ao mesmo tempo. Fiz com ela um curso sobre a epistolografia de Sêneca, um autor sobre o qual não tenho publicado mas que sempre revisito em minha leitura e, muitas vezes, em minhas

aulas. Morreu cedo demais, um momento muito triste para seus alunos e amigos. Quando fui ao hospital em que estava internada, as enfermeiras me disseram: “Essa professora deve ser muito querida. Apareceram muitas pessoas para doar sangue”.

-O professor Flávio di Giorgi, que também já nos deixou, um gênio de prodigiosa memória e erudição, que declamava de cor poemas inteiros em latim e grego e em outras línguas (dizem que dominava mais de quinze). Nunca me esquecerei do dia em que ele recitou de cabeça e no original o famoso discurso de Marco Antônio ao povo romano no *Júlio César* de Shakespeare. Flávio, dono de uma grande habilidade oratória, se sentava diante da turma e ia desenrolando um fio inesgotável de referências eruditas, fascinando-nos com a capacidade de tecer analogias entre as literaturas da Antiguidade e as modernas, que ele dominava.

Infelizmente, não cheguei a ter aulas na USP com o saudoso professor Francisco Achcar, que foi, porém, meu colega de docência na Unicamp por vários anos. Francisco tinha uma inteligência aguda e vasta cultura linguística e literária. Escrevia com grande elegância e assim tornava leve sua enorme erudição. Era a figura perfeita do *scholar* fino e arguto. Suas grandes qualidades de classicista e estudioso da literatura em geral se podem ver em seu livro sobre a tópica da fugacidade da vida nas odes de Horácio, *Lírica e Lugar-comum*, modelar na filologia e na escrita.

Não posso deixar de mencionar, neste breve apanhado da memória, a generosidade que encontrei nos meus docentes; destaco

o professor Mendonça, que chegou a comprar livros de latim no sebo do saudoso “Seu Jaime” e me presentear numa época em que eu era um estudante de classe média com orçamento bem restrito. Seu Jaime, como o chamávamos, era um português que tinha um grande sebo em sua casa (a que às vezes eu ia) e um pequeno espaço na FFLCH para comercializar seus livros; e quanto não lhe devem as bibliotecas de latim e grego dos então estudantes! Encomendávamos livros a Seu Jaime, mas meu prazer major era descobrir, entre os itens expostos para venda, volumes de segunda mão da coleção de clássicos “Les Belles Lettres” e outras, por preço muito inferior ao que pagaríamos se comprássemos o livro numa livraria.

Fiz mestrado e doutorado sob a supervisão do professor Mendonça, que sempre tomei como exemplo de rigor, capacidade didática e integridade de caráter. No mestrado, estudei Catulo, influência direta das aulas do mestre que, além de vívidas, como já disse, eram, na tradução do poeta que se fazia em sala de aula, uma reflexão contínua sobre o que significa traduzir.

Em minha vida profissional, procurei me nortear pelas qualidades que encontrei nos docentes do Programa de Letras Clássicas da USP, como mencionei: rigor, habilidade didática e também paixão, afinal os clássicos têm a vida que somos capazes de lhes infundir; assim, transmitir aos jovens universitários a paixão por esses estudos sempre me pareceu a melhor forma de defender sua sobrevivência nos tempos mais sombrios. A melhor defesa das Letras Clássicas é feita, então, diretamente na sala de aula, mostrando-se

aos estudantes sua relevância e fascínio através dos textos que explicamos e interpretamos.

O Programa de Letras Clássicas da USP, em que me formei e que completa 50 anos neste 2021, desfruta de excelência internacionalmente reconhecida. Nos últimos anos, ele avançou muito na internacionalização, com eventos e publicações que envolvem docentes de outras instituições estrangeiras; além disso, docentes do Programa são professores visitantes em universidades estrangeiras e publicam em periódicos e editoras estrangeiras. Por outro lado, tenho sido convidado a participar de bancas de defesa de mestrado e doutorado das Letras Clássicas da USP e pude ler, ao longo dos anos, muitos trabalhos excelentes, inclusive neste ano de 2021. Em resumo, o Programa vive, quanto ao seu perfil e qualidades intrínsecas, um momento ótimo, pela qualidade de seus docentes, de suas dissertações e teses, de seus eventos e de suas publicações. Nessas circunstâncias, julgo imprescindível reconhecer o mérito das gerações passadas, incluindo aí a geração dos meus mestres, que estão nas raízes do que hoje vemos. Nada surge do nada, e esse desempenho de excelência do programa muito deve aos mestres que formaram os então jovens entusiasmados que hoje brilham como professores justamente reconhecidos. Em vista disso tudo, espero que este meu depoimento, singelo e breve, sirva como uma homenagem àqueles antigos mestres e um reconhecimento de seu papel na história dos Estudos Clássicos na USP e no país.

Mas não devo a esses formadores apenas uma profissão de docente-pesquisador, devo-lhe algo muito pessoal. Com o professor

Mendonça e os demais descobri o gosto pelos estudos clássicos que sempre têm sido meu oásis quando dificuldades pessoais (que todos temos) ou o atual cenário nacional de um país vilipendiado diariamente por um governo fascistoide ameaçam me deixar um tanto abatido: basta retornar aos meus estudos nesta minha aposentadoria *ma non troppo...* e reencontro neles um porto de salvação, uma lembrança de que tudo o que está na contingência da vida vai passar mas o que realmente importa, inclusive os bons frutos do espírito, permanecerão.

Este texto terminava aqui quando entregue, num primeiro momento, ao Editor e de repente recebemos a notícia do falecimento da professora Zélia de Almeida Cardoso, que mencionáramos em nosso depoimento. Como aconteceu com todos, a notícia de sua partida, não muito tempo após o evento de celebração dos 50 anos do Programa de pós-graduação em Letras Clássicas da USP, caiu sobre mim como um raio; era difícil acreditar nessa notícia tão triste, apesar de os tempos já serem tão funestos nestes nunca antes tão tristíssimos trópicos. Naquele evento, Zélia fez um histórico do programa ao mesmo tempo repleto de informações importantes e lembranças pessoais tocantes; a celebração acabou se tornando uma grande homenagem à mestra cuja trajetória acadêmica se confunde com a dos Estudos Clássicos em nosso país.

Mas gostaria de tocar um outro aspecto do perfil de Zélia. Se, de acordo com Sêneca (o autor que ela mais pesquisou), o caráter de uma pessoa se revela até mesmo nas pequenas coisas (*ex minimis*), o modo como a mestra partiu me fez refletir sobre certos aspectos

de sua pessoa. Foi-se de modo estoico, cumprindo o preceito da escola lembrado por Lucílio em uma das epístolas senequianas: *in actu mori*, atuante nos Estudos Clássicos até o fim, publicando e participando de eventos. Um outro detalhe revelador: entre nossos colegas classicistas, ninguém sabia de sua doença, o que me parece revelar a fibra de quem deixa em segundo plano, na vida pública, as agruras pessoais. Zélia demonstrou, então, nessa partida que tanto nos enluta, uma grandeza de alma e uma *uirtus* que coroam com brilho uma vida dignamente dedicada aos estudos clássicos.

III

**VIR SAPIENTIĀ ELECTVS****Antônio Martinez de Rezende**

Para a construção de um ideário social e político, os romanos estabeleceram que *ciuis* é o ser que se reconhece humano em sua relação com os outros humanos. Desse modo, *ciuitas*, que é um nome gramaticalmente derivado, de sentido abstrato, designa o conjunto dos *ciues* nas suas inter-relações, interações e vida em comunidade. *Ciuis* é, portanto, o “concidadão”, que entre muitos outros atributos, haveria de se caracterizar pela *Virtus*, *Sapientia* e *Humanitas*.

Como parte também desse ideário, havia-se consolidado na Roma republicana a instituição do *Mos Maiorum*, o que perdurou por quase todo o tempo da romanidade. Fundamentavam essa instituição “cívica” valores como a reverência aos ancestrais, o respeito às tradições, a preservação da sobriedade de conduta no trato das questões de política pública e de vida privada. Aos *patres*, que normalmente encarnavam esse perfil, era atribuído o encargo de guardiões dessa moral social.

Um olhar mais atento, levando-se em conta o desenrolar da história dos romanos, revela, no entanto, que esse cuidado com o passado de modo algum foi empecilho, ao contrário, pode ter contribuído para impulsionar a construção de um futuro grandioso. Em outros termos, vale dizer que, apesar desse aparente “tradicionalismo”, os

romanos fundaram e ampliaram seu império na dimensão tal qual a história humana conhece e reconhece.

Compreender em profundidade esses valores de civilização demanda não apenas proceder a uma investigação técnica abrangente, mas também, e sobretudo, creditar-lhes o respectivo mérito, nos termos da comunidade que os elegeu, definiu e adotou. Faz-se necessária uma como que “conversão”, apropriação daquele modo de organizar a vida, para melhor examiná-lo “por dentro”.

É certo que os reais significados de *uirtus*, *sapientia* e *humanitas* para os romanos não são exatamente os mesmos que atualmente se expressam por virtude, sabedoria e humanidade, no entanto, os valores que atribuímos a estes termos se aproximam de ou podem estar contidos naqueles.

Esta é minha percepção de como vivenciou seu papel de professor de latim o Professor Oscarino da Silva Ivo: àquelas qualidades cívicas dos romanos ele acrescentou sua competência intelectual, que se traduzia em rigor técnico, elevado senso de responsabilidade científica para com o outro e indisfarçável encantamento pela matéria que ensinava.

Dentre os trabalhos que marcam sua trajetória no ensino de latim na Faculdade de Letras da UFMG, destaca-se o manual didático *Estudo Progressivo da Morfo-Sintaxe Latina*. Trata-se de um pequeno livro, de 132 páginas, publicado em única edição, às expensas do

Autor, no ano de 1974.<sup>1</sup> Esses dados guardam uma rica e interessante história.

No bojo da reforma universitária de 1968, a Faculdade de Letras havia-se desmembrado da antiga FAFICH e se tornado unidade autônoma, o que trouxe profundas mudanças nos planos administrativo e acadêmico. Por essa época aconteciam também intensos debates a respeito do quê e de como ensinar, em se tratando de língua materna. E no *continuum* das inovações aportadas pelo desenvolvimento dos estudos linguísticos, os currículos vinham-se remodelando, apontando sobretudo para novas percepções do que significariam língua, papel da sociedade e da escola no estabelecimento de políticas linguísticas, ensino de língua materna, gramática, tradição e inovação em língua portuguesa.

Uma questão muito significativa dizia respeito ao tratamento da língua no seu desenvolvimento histórico, ou seja, a correlação latim-português. Em verdade, houve excesso de posicionamento não somente por parte dos que defendiam o ensino de português desvinculado de qualquer viés diacrônico, estendendo-se essa percepção ao normativismo da gramática tradicional, mas também dos que defendiam o latim como *alma mater*, permitindo-se, neste caso, a interpretação, obviamente equivocada, de que o português derivasse do latim literário. O fato é que o latim já havia deixado de constar como obrigatório das grades curriculares dos níveis de ensino voltados para a faixa etária dos 12 aos 18 anos (o equivalente ao que hoje em dia abrange a parte final do fundamental e todo o ensino médio), porém mantido nos cursos de Letras (de 90 a 240 horas/aula,

1. IVO, Oscarino da Silva. *Estudo progressivo da morfo-sintaxe latina*. Belo Horizonte: edição do autor, 1974.

em média). Ocorria que também nos cursos superiores os estudos diacrônicos vinham tendo sua carga horária e ênfase reduzidas<sup>2</sup>.

Nesse contexto, o *Estudo Progressivo da Morfo-Sintaxe Latina* é quase que um grito solitário, *uox clamantis in deserto*, em favor da abordagem diacrônica nos estudos da língua. O termo progressivo adquire, então, duplo sentido: “dosagem” na distribuição dos conteúdos a serem ensinados e “progressão histórica” da língua. Exemplos são os trechos da página 27, capítulo 4 – Os casos. As desinências casuais, e da página 48 – Pretérito perfeito do subjuntivo:

Sabemos, por exemplo, que, historicamente, no singular, o nominativo do tema em *-a* é de desinência *zero* e o genitivo possui a desinência *-i*: *terrā-∅ / terrā-i*. A vogal do nominativo abreviou-se e o genitivo evoluiu, passando do hiato *a-i* ao ditongo *ae*. Nessa nova fase evolutiva da língua, a oposição faz-se *terrā / terrae*, quando podemos dizer que o nominativo tem desinência *-a* e o genitivo, *-ae*. (IVO, 1974, p. 27)

Sufixo modo-temporal *-ērī-*

O sufixo é complexo, proveniente do elemento *-is-*, que aparece no Perfeito do Indicativo, somado ao elemento *-i-*, de um antigo modo optativo. Na origem esse *-i-* era longo e abrevia-se por confusão com o *-i-* que forma o Futuro do Perfeito do indicativo (*-īs + i > -eri-*). [...]

2. É revelador desta situação o fato de que, em 1975, era recomendado aos alunos da disciplina “Língua Portuguesa: Português no Tempo e no Espaço” um livro destinado originalmente à primeira série do ciclo colegial (primeiro ano do ensino médio): CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso. *Português através de textos*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1970.

O português não possui o pretérito perfeito do subjuntivo simples. É que esse tempo latino, na língua oral, se confunde com o futuro do perfeito do indicativo, dando origem ao nosso futuro do subjuntivo. (IVO, 1974, p. 48)

Como se pode notar, há uma elevada concentração de fatos gramaticais em tão poucas linhas e também novas abordagens de análise e classificação gramatical, como, por exemplo, a sistematização dos nomes substantivos e adjetivos por temas e não mais por declinação. Acresça-se a isso que estão contemplados três estágios de língua: o latim arcaico, o latim do período clássico e o português, como língua continuadora. A dinâmica de coordenação e exposição dos fatos da língua, ao mesmo tempo em que revela o alto grau de domínio da matéria por parte do autor, exigia por parte do professor que adotava o manual em sala de aula equivalência em abrangência de conhecimento técnico e compartilhamento de postura crítica no que diz respeito à abordagem diacrônica.

A tarefa de ministrar esses conteúdos se tornava ainda mais desafiadora, tendo em vista que os estudantes de letras, em sua imensa maioria, estavam recebendo as primeiras lições de latim quando entravam para a Faculdade: eram iniciantes adultos. Isso apontava ainda outra questão agravante: praticamente todos os métodos de ensino de latim àquela época estavam orientados para os níveis anteriores ao curso superior. Essa realidade impunha traçar rumos e abrir caminhos para inovações no terreno da didática do latim.

O descompasso entre os manuais didáticos existentes e as reais condições dos alunos se traduzia em mais um obstáculo a ser

superado, considerando-se, então, o número de horas consignado ao latim nas grades curriculares: seria tarefa do professor apenas apresentar aos estudantes, e de maneira precária, o que fôra o latim? Iniciá-los, de modo raso ou pela simplificação infantilizadora, nas estruturas elementares do latim? Essas opções, de modo algum, se veem contempladas pelo livro do Professor Oscarino. A visão que aí se espelha é a de que em um curso superior iniciação e infantilização em nada se compatibilizam. Considerando que a finalidade primordial da Faculdade de Letras era, e continua sendo, formar professores e pesquisadores, e que ela não se podia confundir com uma simples escola de idiomas, era a orientação do Professor Oscarino que o aprender fosse construído pelo modelo do ensinar, em outras palavras, mais do que passivamente acumular conhecimentos, o estudante fosse conduzido a dominar o conteúdo na forma de construção e transmissão de um saber. Havia, pois, uma lúcida consciência de propósitos, clara visão de objetivos e pleno entendimento do contexto em que, para ele, se situava o latim.

Além da habilitação em latim, a matéria figurava como obrigatória nas demais habilitações ofertadas pela Faculdade. Sendo assim, havia-se que atender, numa mesma classe, a uma diversidade de interesses: os dos estudantes que continuariam nos percursos do latim e os dos que já haviam aderido a outras habilitações. Essa era uma tarefa de grandes exigências e dificuldades, que demandava constantes ajustes de metodologia, novas experimentações, o que, de fato, ocorreu em 1987, quando, sob a liderança do Professor Oscarino, o Professor Johnny José Mafra e eu publicamos o *Latim fundamental – Morfo-sintaxe progressiva*<sup>3</sup>. A obra foi publicada pela

3. IVO, Oscarino da Silva *et al.* *Latim fundamental – Morfo-sintaxe progressiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG/PROED, 1987.

Editora UFMG, compunha-se de dois volumes, sendo o segundo um glossário latim-português, que contemplava todas as palavras constantes no livro-texto. Os princípios fundamentais ditados pelo Professor continuavam manifestos, como se depreende do subtítulo, da terminologia adotada e da exposição didática. No entanto, a ênfase nas questões diacrônicas foi reduzida, sendo, então, priorizada a morfossintaxe do período clássico.

Em 1993 foi publicada a primeira edição do *LATINA ESSENTIA – Preparação latim*,<sup>4</sup> e, ao apresentar as referências bibliográficas, declarei: “Nos autores que se seguem, em verdade, está contida toda a matéria. Eu apenas a colhi e adaptei.” Inegavelmente, a base do texto está ancorada no *Estudo Progressivo da Morfo-Sintaxe Latina*, o que fiz na condição de quem reconhece e reverencia seu grande Mestre.

Mesmo que bastasse o livro para consagrar seu nome e marcar sua passagem pela Faculdade de Letras como referência maior, a partir da década de 1980, na área de latim, o Professor Oscarino publicou artigos e defendeu com muita propriedade sua tese de doutoramento sobre o poeta Marcial. Era um baiano “arretado”, plenamente caracterizado pelo que poderia denotar a expressão *suaviter in modo, fortiter in re*: de aparência severa, mas de índole generosa, um “concidadão” no mais abrangente sentido.

Acumulou a duras penas, pelas dificuldades da vida, seu tesouro de conhecimentos, que sempre estava disponível, de boa alma, a quem quisesse dele usufruir – é simbólico o fato de ter custeado do próprio bolso a edição do livro. Seu saber se firmou nos autores

4. REZENDE, Antônio Martinez. *Latina Essentia – Preparação ao latim*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1993.

mais tradicionais e representativos no estudo das línguas clássicas, especialmente os franceses. Ao mesmo tempo dedicou-se a estudar autores contemporâneos seus, como Pierre Monteil,<sup>5</sup> Lisardo Rúbio<sup>6</sup> e Mariano Bassols de Climent.<sup>7</sup> A esses sempre recorria, incorporando deles as inovações e divulgando-lhes as ideias e posicionamentos teóricos.

De nossa convivência, ficou a clareza de que o passado não é somente um acumulado de lembranças, nem mesmo se limita à busca de um paraíso perdido, isto que move a quase totalidade das seitas e povoa o psiquismo dos mais velhos que, já não vislumbrando futuro, se apegam àquele “no meu tempo...”, mas é a estrada batida pela qual prosseguem a caminhada os que se conciliam com o porvir.

Belo Horizonte, julho de 2021

5. De sua obra destaca-se: MONTEIL, Pierre. *Elementos de fonética y morfología del latín*. Sevilla: Publicaciones de la Universidad de Sevilla – Manuales universitarios, 2003.
6. Entre outros: RUBIO, Lisardo. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*, I. Barcelona 1966.
7. Entre outros: BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. *Sintaxis histórica de la lengua latina*, I. Barcelona 1945.



**FRAGMENTA**

|

**ERRÂNCIA****Jacyntho Lins Brandão**

CRETA

Cretenses muito mentem. E eu de Creta  
Em cretense medida tão só digo  
Das manhãs que de azuis sigo em amar  
O teu mar que de auroras róseas fluis  
E roubas tão certa róseos dedos.

Vou sem medo! Mentira que assim diga  
Menos ou mais mendácias que de Minos  
Menos ou mais audácias que se escondem  
Em ritos labirínticos recônditos  
Fios puxados mais se puxam mais  
Se enredam nesses mitos chamejados  
Com os berços e túmulos de deuses.

Cada mente que mente cresta o mundo  
Cada mente que mente a ilha cresta  
E por mentir que mentem os de Creta  
Em seu mentir profundo se confundem:  
São de Creta oriundos os poetas.

DELFIOS

Calado eis da Pitonisa o orago  
De dito amargo falta de consulta  
Em chuva a pino o sol e a neve bruta  
Tempo assassino em mármore manchado.

Suspenso ao tempo de encardido branco  
Ao Deus, adeus! Adeus às profetizas  
Ecos reversos de diversos fados  
Mancos enigmas em versos babando.

Pois de presente só sina maligna  
A pedra dada de devir passado  
Escuros furos de porvir – e nada!  
Nada que diga a gente sem futuro.

## MICENAS

Qual emoção incauta obnubilava  
Moça núbil burlada que avançava  
Assim chamada pelo pai de longe  
Mal despertada ao dia que a levava  
Já preparada festa em casamento.  
Qual despedida! Não, nada sabia  
Dos tormentos por que deixava muda  
O palácio de escuros corredores  
O círculo de túmulos de reis  
O firme das muralhas e o antigo  
Tesouro deste Atreu envolto em crimes.  
Qual bodas do melhor de mil aqueus  
Tanto esperada não será o que a  
Espera e a rude guerra que ruge e  
Assassina mil vidas dos heróis  
Joga no inferno e corpos dá a cães  
E mata mães e estupra troicas virgens  
Já quer colher a prístina heroína:  
Menina em quebra de emoção tão vã  
O coração que pelo pai confrange  
Pai que de longe chama a moça núbil  
E quanto obnubilada! Quão manhã!

## ÍTACA

Baste com pôr o pé baste o primeiro  
 Na sua ilha arada em pedra e pó  
 Pedra mais mar e para amar voltado  
 Qual reversão retém-te viajante:  
 Coração meu que de antes coração  
 Que terra é esta em pedra pó mais mar  
 Onde andei eu não mais o pé onde ando?  
 Eram dez anos mais nova dezena  
 Errante em cada porto semimorto  
 Cada bazar fenício uma sevícia  
 Drogas do Egito dor de abraços túbios  
 Sóis de levante lentos luares líbios  
 A lavorar vazios tantos rios  
 De solitudes. Mas volveste. Eis-te.  
 Desconhecente qual lugar é este  
 Arado em pedra em pó mais tanto mar.  
 Tu por amar voltado e o aprendizado:  
 Não há por que voltar. Que outro dez  
 Quem dera percorrer-te as feiras de  
 Cartago etruscos templos mais amores  
 Bruscos banquetes tírios p'ra que preso  
 Em teus retiros vás inconsciente  
 Que a ilha amada em pedra em pó mais mar  
 Não te é bagagem p'ra reencontrar:  
 Só mais perdido resto de viagens  
 ----- em alto mar.



II

**FILOSOFIA MITOLÓGICA****Júlia Batista Castilho de Avellar**

Meus pés pousei em surdas pedras seculares  
de ruelas estreitas e sendas incertas.  
Fui por dúbios caminhos e por vias cegas,  
gastei meus passos em percursos circulares.

Vivi as ruínas de um sonho não sonhado,  
dúbias contradições de insondável dilema  
e paradoxos colocados em poema:  
entrei num labirinto até então fechado.

Fiz-me muro e parede, sou uma rota obtusa.  
Perco-me em mim e sou penhor dessa distância,  
mas detenho o impalpável, sopro de inconstância:  
encerro o pó do tempo e a areia difusa.

Guardo a marca dos olhos vívidos e verdes  
do Minotauro a me queimar fundo na pele.  
Tenho-o meu, ora me atrai, ora repele  
no silente deserto de sua eterna sede.

Paira sobre minha alma seu olhar amigo:  
o que esconde no brilho que, lento, derrama?

A que oculto mistério, eloquente, me chama?  
A alegria que cresce é dom ou castigo?

Busca-me o sangue espargido no papel,  
o êxtase do som dos órgãos de igreja.  
Quer tirar-me do exílio que escorre e sobeja  
e deslindar meu ser coberto por véu.

Vem desvendar-me essa memória adormecida,  
em si me acolhe como Ariadne em dança.  
Pois de seus olhos nasce sempre a esperança –  
o ainda que repete e nunca concretiza.

III

**Bernardo Guadalupe Lins Brandão**

pedem-te para criar  
quando já não puderes realizar mais nada  
para rabiscar com lágrimas a folha amassada de papel

dizem que arte é exigir o desencanto do mundo  
que nos pague sua dívida

esquece isso  
escreve quando leve  
quando tiveres outras coisas a fazer

escreve como que surpreendido de manhã  
pelos raios de sol que escapam  
das gotas de orvalho

\*\*\*

morreu Aquiles  
junto a Pátroclo  
antes de morrer

os corpos que se seguiram  
o fluxo de sangue que parou  
o rio Escamandro

eram psicografia  
armas e naus que perecem de cólera

o modo como olhou para o velho  
suplicante

também isso  
não era coisa desse mundo

\*\*\*

o martírio de S. Sinfiriano

- Lembra-te de Deus!  
dizia a mãe, quase a dizer que não  
ao ver o filho flagelado por castigos  
e ambições

e a voz entrecortada  
e os soluços que cortavam a virtude do esperar  
enquanto o sangue de Sinfiriano  
salgava três pedras (recolhidas em uma caixa de madeira)  
atravessavam os céus

o destino de seu corpo se selara  
nas bodas do prefeito Heráclio:  
a recusa da estátua de Vênus  
as chispas de fogo que perpassavam os olhos

do prefeito e as palavras violentas  
influxo do Espírito, a violar a barreira  
dos dentes

- pois as alegrias deste mundo, Heráclio  
são como o gelo a transmutar-se em água  
ao fugir dos raios do sol  
e a tua cobiça, que tudo deseja e nada possui:  
impostura e confusão

isto o Espírito lhe declarara, isto o condenara e o redimira  
disto Sinforiano se lembrava quando as lágrimas da mãe  
inundavam a terra e a espada  
do algoz alcançava o seu pescoço

impostura e confusão

disto ele finalmente escapara e o seu espírito  
como a caixa de madeira intacta  
em meio ao incêndio que consumia a cidade  
se encontrava pleno  
e intocado pelo fogo

IV

**ODE****Raimundo Carvalho**

*ao Medalhista de ouro Isaquias Queiroz  
nas Olimpíadas de Tóquio/2021*

Isaquias, caboclo  
das margens, das ribeiras,  
dos barrancos, dos remansos,

dos redemunhos, dos peraus profundos  
das correntezas, das carreiras  
dos rios bravios do Brasil.

Isaquias, caboclo  
dos igapós e dos igarapés  
das lagoas, dos alagados,  
dos manguezais salobros,  
que o rumor de teu remo  
ressoe nas rimas e no ritmo  
deste meu poema.

Isaquias, caboclo  
da cidade das canoas,  
tronco da mesma lenha,  
cavado com fogo ancestral,  
flutua e rompe a corrente  
do rio de Contas.

Vai, filho amado da Mãe d'água,  
cruzar os limites do rio-tempo,  
com os teus braços-remos.

Isaquias, um encantado  
numa canoinha de ouro,  
levanta a tua frente,  
bem acima dos astros,  
que o Caboclo d'água  
vai cingi-la de louro.

V

**O LIMO****André Malta**

Existe o limo, quem o extinguirá?

Tal como nas rochas que margeiam as praias  
(nas rochas percorridas pelas baratas-de-praia)  
um visgo negro e semivegetal se espraia de dentro,  
como se a rocha não pudesse ser só minério,  
como se alguma coisa pegajosa e verde-escura  
devesse macular a impassibilidade da pedra,  
ser o seu lugar de deslize e queda  
— aquela gosma que brota do vazio,  
sem espanto, sem pergunta;

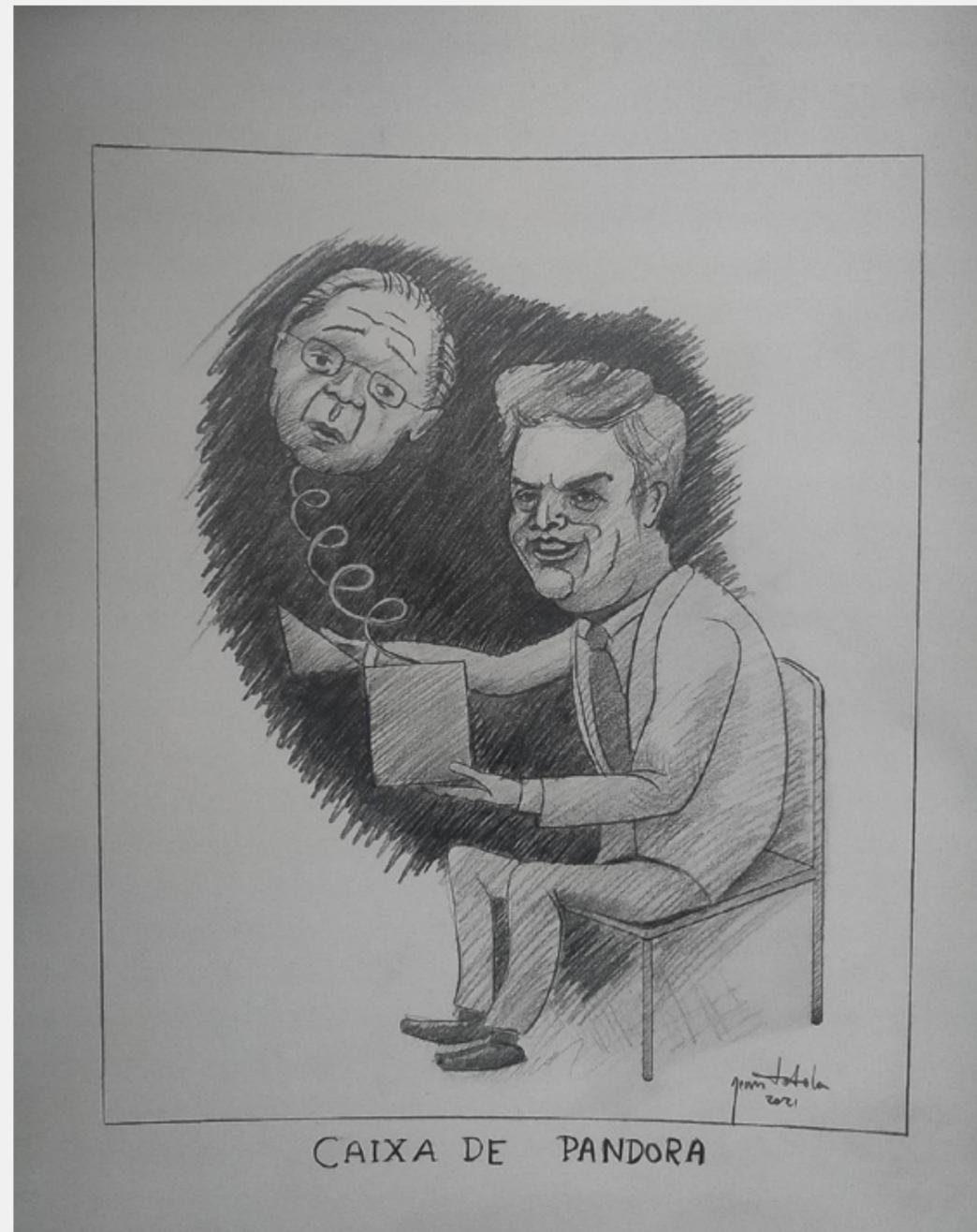
tal como nos azulejos dos banheiros,  
com seus rejuntas corrompidos pela água grudenta,  
limos pontilhados são engendrados por todos os lados,  
como se o banho não pudesse ser só espaço caiado  
e seus reflexos luminosos de bacia de prata,  
mas devesse abrigar em cada pedaço uma mancha antiga  
que já banhava toda e qualquer coisa  
quando aqui era só o Caos  
e a própria mancha ainda não existia;

e tal como naquela pessoa que bem conheço  
e é limosa por dentro,  
a despeito do repetido empenho  
de negar-se a lama,  
de furtar-se à borra,  
de querer ser pedra caiada  
e rejunte luzidio  
pelos seus dias a fio,  
como se aquele limo  
acidental fosse,  
fosse acidente  
a craca que resiste grudada  
em quem que não se sabe outro

— o limo existe, sim, ele existe,  
e mesmo depois de tudo ter sido dito,  
e depois do último suspiro  
e do derradeiro brado,  
ainda brado e desesperado,  
sobrará o lodo preto,  
sobrará algo inominável,  
com sua indiferença de coisa  
pré-pedra, que despreza  
relato ou testemunho;

mesmo depois da mais bela ode  
e da invenção do mais potente  
bicarbonato de sódio,

mesmo quando brotar límpido  
o derradeiro credo,  
lá na pedra esquecida,  
lá nos rejuntes  
que não dormem durante a noite,  
pulsará ainda  
alheio à marcha certa  
esse limo anterior ao nome,  
com a tácita reafirmação  
de que desde sempre  
ele, sim, existe.



VI

**TERAPIA DA HARPIA  
OU NO MERCADO DOS CRISTÃOS SOMOS PEIXES**

*A Cabocla Fabíola*

Personagens

Duas Deusas — Afrodite e Atena

Três Sereias aqui santificadas como as verdadeiras Musas — Loreley, e sua filha, mais outra que pôde fugir a tempo do ano de 2021

José, o helenista — marido de Loreley, e pai de sua filha

Sua Filha

Tavo Ivo, o poeta

Atlas, o cão

Óleo de Peroba, o charlatão

Mônica, a amiga

Estudantes

O Grande Mistério

*“(Que) se faltar /faz marmanjo chorar.”*

*(Ainda há tempo, Canção de Criolo)*

Nu nasce o olhar onde uma Deusa, um Deus se fazem. Século XII a.C: ali, no instante em que, à Encantadora, Paris concede primeiro o prêmio — o pomo dourado, depois, Helena: há o Ato que sela

destino. Do Deus cavalo, seu marido, termirá por cair o esperma de outra Civilização, bem menos livre. Não existiam pecadores quando a nascividade apenas se fez gloriar. Banqueteavam-se os Deuses. Nua e Plena, a nascida de fértil espuma, *afro* amiga somente dos mais sábios... Afrodite fez se ouvir: Que para ela, aurífera, um ditado apenas era pouco — calor demais vem chuva atrás; depois dela haverá temporais, de lanças, de rimas, ou de flechas. A partir do mesmo grande Mistério em que surgira outrora, não mais Afrodite, e assim Helena — agora, sob o reflexo de fúlgidos raios, as Musas:

\*

— Ô de casa! Tem alguém aí? Nesta oca chamada 2021 queremos entrar! Conosco vêm os clássicos dançar!

Pois não eram as Musas mesmo?! Afora laureadas, portavam penas! Mas não voavam. Impediam a saída daquele fatídico ano — 2021! Atlas e Óleo de Peroba se entreolharam. Óleo de Peroba ainda pôde pensar: que, se estivéssemos na Folia de Reis, ele começaria a dançar sim, e era agora. Oportunidade de pensar também Atlas teve, mas como cachorro não pensa, deduz, ele deduziu: Que se pensasse, se surpreenderia. Pois eram três! — *Auh, auh, auh!* E das grandes! Galinhas, e ainda mais com pernas de avestruz... mas para ele, era tudo igual: — Não seriam páreo para ele! Nisto, os latidos — *Auh, auh!* Primeiro, ele se faria ouvir. Depois grunhir. *Rrrrrrrrr!* Óleo de Peroba já não estava mais ali quando, por sorte, uma lança cingiu o pescoço do cão.

— Papai, você ainda está falando de galinhas?

— Sereias, minha filha. Sereias. De pernas cumpridas, cara de gente, e portando asas, mas sereias.

Mas, na Descida do Livro, era já Atena quem se anunciava, e por toda a vizinhança! Logo depois que Atlas encurralou uma delas... ao acudir a alada, Atena quase matou o cão. Se uma delas fosse estilhaçada por Atlas não seria mais uma Deusa, mas as Erínias que viriam. Aí, não seria mais uma lança, mas monstruosidades quem apareceria para devorar o coitado. A dimensão dos deuses perigando cair do Livro para fazer justiça porque um cão queria dar uma lição na sereia... Pois bem, Atlas saiu ganindo, mas Atena lhe chamou com carinho — Argos<sup>1</sup>!! Para fazer justiça, o reconhecido disse que não era chamado assim fazia tempo, milênios! E que andava rápido porém segurando o Monte Olimpo. Tudo para evitar a queda do céu. Por isto, os camaradas chamavam-no Atlas, da raça dos Atlantidas. Atena não entendeu nada. Voltou para o Livro. Não havia ali espaço para sua sabedoria, não ainda. Deixou-as sob a proteção de Argos, e se foi. Não duraria muito a liberdade das ovíparas. Liberdade do interior das Minas Gerais...

\*

Vendo que eram vistas, logo se aprumaram. Asas sobre nós. E começaram um discurso menos encantador do que era esperado delas:

1. Cachorro de Odisseus que o reconhece quando do retorno do herói à Ítaca, apesar do disfarce deste de mendigo.

— No Mercado Cultural dos Cristãos Somos Peixes. Neste mercado não há um capataz para fazer valer o nosso lugar de fala. Na Hélade era diferente. Como pássaras cativávamos poetas que nos protegiam, e à verdade: da necessidade de se sustentar sozinha. “Cantai-me, oh Musas...” Os poetas a fama levavam apesar dos versos serem tecidos por nós, e pelos ventos. Quando enguias elétricas<sup>2</sup>, passávamos reunidas a fatiar os exércitos inimigos enquanto os poetas também performavam músicas. Já quando esquecidos do lato Mistério... também pelo Mistério eram esquecidos! Hoje, mesmo quando reconhecidas cânoras do futuro terminamos confundidas com pombas, galinhas, e mesmo com avestruzes! E vendidas. Sim, Senhores. Para quê? Para aprender a ensinar melhor, deve ser, que ao encantar terminamos desejadas por homens que montam em nós, para surrupiar a nossa essência! Sim, Senhores. Para lembrar os incautos da premência da cantoria sobre a escrita: “Cantai-nos, agora, oh Musas, a cólera de Aquiles. Mas também a nossa! — Cólera de perdidas Iracemas de um agreste sem lei. Para que possamos encontrar silêncio... no fim desta guerra iniciada há priscas eras”.

Isto de ser butim... confissões extraídas de um livro-cristão preso na parede,<sup>3</sup> mas que, ainda assim, pôde ter mostrado a nítida ilha: o céu cinza onde descanso meus olhos glaucos de um anil capaz de tornar o mar vinho. E o pão multiplicado. Já havíamos roubado várias garrafas da oca, até uma penca de caninha da roça quando nos vimos sem poder de decisão sobre os doze avos do *Timeu* de Platão. *República, Livro X*, passo 617b, ali a nossa verdadeira performance se fez sentir! Puxa! Se éramos, ou não, capazes de mostrar os valores dos nossos ancestrais? Éramos um ébano de generosidade,

2. Sólon, Íon, Sócrates foram referidos pelo termo enguias elétricas nos diálogos platônicos.

3. No livro *Avati Amuni*, a autora apresenta de que modo mantém pesquisas em Filosofia Antiga, Contemporânea e em Ancestralidades Africanas a partir destas mesmas experiências de se saber sereia, e musa, e se ver condenada pela mentalidade colonialista que perdura até nos estudos acadêmicos. Para mais: <<https://linktr.ee/acaboclafabiola?fbclid=IwAR1K2t0XI1idDHipAEYaYaN0dUvTYAGXojNI8wZbfspuBwthAGO7zz3F0M>>.

escrúpulos, sobretudo de escrúpulos. Ou nada de escrúpulos? Ninguém soube, mas mandamos ver. Estávamos um pouco altas já, mas... Rapaz... Da parte das três graças, é virtude maior não ter escrúpulo nenhum. Pois a inquietação cheia de escrúpulos só nos faria perder os ovos! Escrúpulo pouco é bobagem, já diziam as boas línguas. Melhor nenhum escrúpulo porque aí não temos de ficar sentindo os ovos já pisados, que é a pior coisa da vida. Aí deram uma paradinha, e no aplicativo *Zoom* um tutú com feijão com suco de maracujá pôde ser visto sendo servido na cantina do Colégio Pedro II.

A verdade é: que os gregos só puderam espalhar por aí que venceram os troianos em virtude de nossa força genética de origem Cretense.<sup>4</sup> Disto, no entanto, a maioria terminou se esquecendo. E digo mais: bem antes de tanto sangue derramado, os povos do mar não foram exatamente vencidos, mas convencidos. Persuadidos. Tomados uns golinhos, largaram as armas. E foram dançar a *Sirtaki*. Quem não bebe não ama. Quem não decifrar o Linear A não poderá nos ouvir, as sereias verdadeiras: a-la-das. Mas, enfim, se o encanto não chegar a deslumbrar também não deverá emudecer. Já contra o Patriarcado lutavam as mestras dos Ciclopes orientando-os a devorar Ninguém. Quando por Tétis foram re-orientadas a observar o andamento da guerra. A fim de agora poder contar, no antecipado, a tragédia nossa de cada dia, voltamos a nos sentir butim de uma guerra sem fim: a guerra contra o Patriarcado.<sup>5</sup> Conqueremos a todos, como outrora os homens brancos faziam, de que se estes continuarem a nos perseguir não deixaremos que nos ouçam. E seremos muito devagar. Muitas de nós tombamos não um ou dois homens, mas populações inteiras. Para o fundo do mar

4. Cf. Araujo, Fabíola. O Matriarcado Minoico (Keftiu) e a arcaica ausência de fronteiras entre arte, filosofia, política e religião. Disponível em: <[https://arete.unimarconi.it/wp-content/uploads/2021/05/Arete\\_6\\_2021\\_05\\_Fab%C3%ADola\\_Menezes\\_de\\_Araújo.pdf](https://arete.unimarconi.it/wp-content/uploads/2021/05/Arete_6_2021_05_Fab%C3%ADola_Menezes_de_Araújo.pdf)> Acesso em 13/05/2020.
5. Criseida foi o butim de guerra requisitado por seu pai Crises frente a Agamemnon, que, insatisfeito, fez a requisição, por sua condição de arconte, de Briseida, que era escrava de Aquiles, cuja cólera passou a ser contada pelas Musas. O Peleida se recusará a continuar na guerra de Troia em função deste dessabor.

foram levados, porém felizes iam. Se os valores mudaram, e mudam muito lentamente, deixemo-nos ficar cada vez mais lentas, cada vez mais lentas. A fim de alcançar a velocidade da pedra, deixemo-nos estar. Estártites pedras que jogaremos em quem nos faz mal!

\*

Pararam para comer quando “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que atirou hoje.”<sup>6</sup> Deixemos o pássaro, que é uma Grécia sem as Graças, morrer.

\*

“Mulheres e deusas de origem grega e pagã rivalizarão sempre, papai?” Perguntei, ainda infante, ao meu pai. Minha mãe já havia morrido. Estávamos em 1999.

“— É, filha de Achelous<sup>7</sup>...”

Eu não me havia dado conta de que eu era também uma sereia.

“— Sim, se nem Uranos<sup>8</sup>, nem Zeus<sup>9</sup> foram capazes de findar com a rivalidade entre as entidades femininas, o que se dirá de nós... mas, filha, se é assim, bem podes lidar diferentemente com isto, pois és destinada a ser livre! Uma encantadora pássara!”

Se ele tivesse falado, em vez de “se veja”, “cerveja”, eu teria entendido mais...

6. Trata-se de uma menção a um Oríki (história enigmática) contada em Yorubá e que diz precisamente o seguinte “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que atirou hoje.”

7. Deus-rio, considerado pai das sereias.

8. Ou céu, considerado pai de Afrodite. O esperma de Uranos teria caído no mar de cuja espuma teria saído a Deusa da Beleza.

9. Considerado pai de Atena, Deusa virgem que sai pronta para a guerra da cabeça do pai.

\*

Naqueles idos de uma infância perdida, ainda no século XX, um pouco antes de morrer, meu pai, de nome José, ainda pôde me contar um pouco mais sobre os segredos dos gregos antigos. Por ter toda a sua vida dedicada aos estudos clássicos, ele pôde aprender o valor do canto, do encanto e do silêncio. Antes da década de 1990, estávamos os três passando por dificuldades financeiras. Ave Maria, aquela eterna dedicação aos estudos clássicos que meu pai fazia questão de nutrir. Isto que nos levou até os móveis da casa... no subúrbio de Mariana estudar grego... você veja! Tudo teve de ser vendido para saldar as dívidas advindas da compra de livros, e das despesas com concursos públicos. O que aliviava era o grande poder da sereia que minha mãe era, e que residia, na verdade, nisto: nos silêncios de minha mãe — Loreley, o primeiro e último amor de meu pai. Também o primeiro amor de muita gente, é verdade. Sua capacidade de se expandir em virtude do amor pôde ser tomado como necessário para o advento de muita gente, digamos, feliz, ou, pelo menos, com uma alegria sempre-viva que deveria estar, por conta do sofrimento pelo qual o povo brasileiro passaria três décadas depois, até na cesta básica, ou melhor dizendo, em um verbo, que, se nascia intransitivo e capengava quando no trânsito das grandes cidades, tornava-se bem transitivo quando em vista daquela mulher que era a penúltima sereia: minha mãe.

Agora amo Ivo. Ele conheceu mamãe quando ambos estavam dispostos a rejuvenescer. Uma sereia, mas *simile* em Beleza à própria Deusa Afro. Esta que pôde me rezar o que hoje eu sou e que o meu

pai, nos seus últimos anos de sua vida, fez questão de prestigiar e de me fazer lembrar: que as sereias são bem capazes de levar à perdição sim, mas que perdição, dentre os humildes, é sempre uma forma de redenção. Antes da quarentena só meu pai tinha podido experimentar o prazer do silêncio das sereias. Um prazer advindo do mistério que advém de um canto que nos cativa para uma eterna inocência. A causa primeira disto tudo: uma audição musical onde o silêncio impera. O império dos sentidos na ponta da língua: mergulhados na palavra poética, e embebidos de afrodisíacas bebidas, *zoom*. E basta. Somente os enlevados pela perdição puderam descobrir o senso da mais absoluta falta de senso. Isto que ninguém poderá chamar de pós-modernidade, por ser da ordem do mais arcaico, será também nosso destino final já que inicial: o Apocalipse.

\*

Meu pai, antes de morrer em São Paulo, também deixou uma carta onde dizia o seguinte: “Fico feliz que encontrastes Tavo Ivo, um verdadeiro Encanto. Ele cuidará de você. Cuidar como eu e sua mãe jamais conseguimos fazer... Aqui em São Paulo agora faz frio. Muito frio. Aquece-me a poesia. Sobretudo da lembrança de sua mãe. Estonteante, era capaz de nos tornar etéreos: o encanto das sereias — fio de eletricidade que nos rejuvenesce e nos eterniza. Por mais que seja capaz de nos fazer reaver a consciência, a filosofia permanecerá para sempre inferior à Música. Porque o canto em questão é capaz de nos fazer reaver a morte imediatamente. Já a filosofia, sobretudo a acadêmica,<sup>10</sup> realiza o contrário disto. Há músicas que invocam Esferas, enquanto a filosofia só invoca loucos

10. Hegel, por exemplo, pensa o contrário disso quando afirma ser a filosofia superior à arte e à religião.

de pedra. A Música é superior à Filosofia também por ser capaz de invocar os Xapiris. Quem são os Xapiris? A Gigante lembrança de sua mãe poderá nos revelar ainda muitos espíritos da floresta, chamados Xapiris, Avatares do seu noivado para que você possa também ser feliz no amor, minha filha. Se cheguei até a necessidade de efetuarmos um retorno aos gregos foi graças à filosofia, sim, mas, ai de mim, quantos sacrifícios, minha filha, não tivemos de fazer! Ademais, a Música terminou por me tirar a necessidade do tal retorno, aos gregos antigos. Olhe: é preciso saber imediatamente como evitar o pior. E o pior é a falta de amor. Apenas a Música pôde até hoje enfrentar este pior no súbito. Assim, para que venha o tempo da cura da pior doença, seja através das Musas, isto é: da Música que estiver afinada com as estrelas na possibilidade de encontrar um Brasil melhor já em 2022, quem sabe até com os lusca-fuscas! Filha, você veja: pão não pode faltar. Poder maior é não poder. Quem é vivo sempre morre, por isto, o vôo.”<sup>11</sup>

\*

Jamais a palavra resiliência pôde fazer tanto sentido quanto naquele momento de despedida. Estávamos na calçada. Sobre o meu colo, meu pai morria. Ele não queria morrer. Tétis e a outra sereia deviam estar próximas, pois luzia a verdade na poética clássica, e também na contemporânea. Aí se deu: *katabasis*, a ida ao mundo dos mortos.

Ainda antes de finado meu pai, eu quis com ele ficar, mas ele quase já não estava entre nós, aí, como num *flash-back*, ele próprio viu a

11. Trata-se de uma invocação da questão que envolve “o poder de se ser feliz na perda, e de se ter vergonha na vitória?” (Passo 247 do *Menexêno*, Platão).

sua vida passar. Apesar da soferência, eu também via a vida dele passar, como num filme:

\*

(Em 1965) Decoradas as tabelinhas, não me esqueci do dicionário. Sem ele, eu não sou ninguém. Os candidatos devem ser ouvidos. Três, ou quatro. Nenhuma mulher, como sempre. Como sempre, minha irmã pediu para vir comigo, mas Dona Zica não deixou. “— Já temos um desmiolado na família, menina. Pense em achar um bom emprego que não te faça depender de marido. Senão, não vão te sobrar nem as galinhas...”

Tive de reconhecer que Dona Zica tinha razão. Mas se bem que eu queria Luciola para vir estudar comigo. Desde a morte da mãe, em 1960, e, no ano seguinte, da morte do pai, éramos seis bocas famintas na casa da Dona Zica. Cinco, depois que Wellington saiu para morar com a Josefa. Condições eles também não tinham. Uma vez, ficaram tão magros que Dona Zica os escondeu, com vergonha. Daí, ela combinou que eles iriam vir pegar uma galinha uma vez por semana. Alimento para uma semana inteira!

Desde criança como destas galinhas, seus ovos, e o leite. Como muito. Dentre as tragédias dá-se o reencontro. Mas o primeiro encontro a gente nunca esquece: é com Homero. Até a fome passar... demora. Sempre quando alçado à dimensão dos estudos clássicos, a fome passa. Cometo um harakiri, e viro um não-eu que morre para se descobrir manobrando um escudo, ou jogando uma lança no

meio da batalha onde o meu inimigo vem a ser Héctor. Como nada é fortuito, sinto-me em casa. Adquirira asas também!

\*

(Em 1998) É verdade: andam acusando os estudos clássicos de falta de responsabilidade com relação ao passado escravocrata e o presente racista e misógino do país — enfim, de colonizados e de alienados, nos acusam. O argumento: “À repetição da estrutura escravocrata retornaremos se nos deixarmos re-colonizar pelos gregos!” Vejo, e não vejo, sentido nessas afirmações. Afinal: quanto mais sentido vejo, mais me sinto um grego! Se todo “sentido” nascesse do verbo sentir seria ótimo. Mas o que se passa é o oposto: “sentido” nasce do verbo “ser”, e todo ser que pensa a si mesmo, e se decide por se saber ignorante quanto ao que seja si mesmo nasce grego. Sabedorias à parte, a ignorância é o maior “Ás” dentre os saberes socráticos e seu obscuro nascimento. Se alguma ciência há na afirmação dos gregos como colonizadores, isto se deve por terem eles trazido à baila as instituições onde pode se revelar a auto-crítica filosófica. Mas isto sem música apenas nos tem levado à decadência, é verdade. Na Academia eu gostaria de morar como se fosse um vaso, ou um jarro! Vazio, mas cheio de Diotima para me encher de uma afrodisíaca e inocente falta de arrogância. Adoraríamos os pequenos gestos, sobretudo dos que ensinam aos pequenos capazes anti-helenistas que suas bravatas são sem sentido porque os estudos clássicos são certamente nossos maiores aliados na luta pelo projeto de emancipação e de soberania nacional. Mas agora é tarde para a manutenção de qualquer guerrilha. É meia noite e tanto os

ufanistas helenistas quanto os anti-helenistas estão vencendo. Cadê a caninha? Melhor uma caminhada...

\*

Por saber de meu amor pelas letras clássicas, a bibliotecária de minha primeira escola me chamava de pequeno Ulisses. Agora que sou doutorando, candidatei-me a professor do Departamento de Filosofia. Solicitaram-me para aplicar provas dentre os alunos candidatos a estudar grego. Esqueço de tudo: de Dona Zica e de meus irmãos menores quando me volto para o ensino da poesia homérica. Hoje é quarta-feira, e Atlas vem comigo até a esquina para um afago final. Hoje não veio com ele Bruna, minha irmã caçula. Não posso me queixar de minha família. Cada vez que me despeço me alembro, e me alumbro. O possível para que todos sobrevivam, e tenham condições mínimas para estudar, e crescer na profissão que escolherem hoje não há. Hoje não posso me esquecer de procurar um dentista para Bruna. O SUS (Sistema Único de Saúde) para cuidar dos dentes é ótimo. Para mim também deverá servir. Coitada, tão pequena, e já tão desdentada. Assim não dá.

\*

Esta é uma das milhares de histórias  
 Que nasceram contadas já  
 Bastantes para que o escritor apenas as revele,  
 Tristemente  
 Mas isto somente aos atentos

Há um burburinho na Faculdade. Há alunas querendo denunciar Óleo de Peroba. Este professor, meu compadre no Departamento, bem que merece... isto que ele chama de despropositada perseguição. Rapaz, o sujeito se comporta como um Zeus. Da vez em que ele foi lá em casa, tive até de esconder as minhas irmãs, por precaução. Basta ele ver uma saia, que *creu*. E nem precisa ser rodada ou prendada a moça. Já coloca as asinhas de fora, e nem camisinha usa, o danado. Dizem que Óleo de Peroba tem mais filhos do que lá em casa tem galinhas d'Angola. Mas eu não tinha ideia que as alunas mais novas teriam disposição pra se reunir e oferecer a tal denúncia. Ninguém sabe o que fazer... A tal denúncia periga cair no ostracismo. Ninguém sabe como as mães dos filhos bastardos de Óleo de Peroba fazem para cuidar do galinheiro... De modo que aqui em Mariana, tanto quanto em Coronel Fabriciano, somos cada vez mais chamados a acreditar em milagres. Na reunião de Departamento feita pra se considerar o que pode ser feito com o caso, só apareceu Mônica, a diretora do departamento de Letras. Estávamos eu e ela sentados no palco quando as alunas entraram no Auditório. Todas vestindo preto portavam cartazes onde se exigia em letras garrafais não apenas a expulsão do Óleo de Peroba mas a consideração do que chamaram de “estrutura racista e misógina dos estudos clássicos mineiros”. Tive que rir do cartaz sobre o Óleo de Peroba. Poxa, o sujeito estava enalacrado mesmo. Mas e daí? Ele é funcionário público... Não há nada que possamos fazer, a não ser ouvi-las. Pois que ouvimos.

Mônica mais do que fingir anotar tudo, depois ainda se ofereceu para ir junto à delegacia oferecer uma denúncia contra o professor e sua erótica do Cronida. Achei digno. Porém um pouco ridículo.

Mônica sabe perfeitamente que o delegado é pai do Óleo de Peroba. Que os dois são os últimos descendentes de uma família extremamente rígida e orgulhosa de seu passado burguês. Eu vi naquela situação não exatamente uma hipocrisia da parte de Mônica, mas sim um desespero de causa. Talvez ela preferisse andar junto às alunas pelas ruas... que considerar mudarem de cidade. Isto era mais viável do que mudar a cultura e a política do país. Pesaria ainda o fato de que ela também já fora assediada por Óleo de Peroba. Que quando ela era jovem, e ele já não tão jovem assim, ela lhe ensinara tudo o que ele sabia, ou melhor, ostentava portentoso saber. Nada mais genuinamente grego, sopesava a malandragem. Enquanto Mônica sentava para estudar, e aprender tudo de maneira bem autodidata, Óleo de Peroba ouvia e discursava, fazendo com que todos da pequena cidade acreditassem que era ele uma fonte atemporal dos estudos clássicos. Que ela tivera um aborto espontâneo ele não comentava. Quando ela soube dos vários filhos bastardos que ele teve, este renomado professor da UFMG, ela no fundo permaneceu sem desejar contar isto para mais ninguém. Confessar nem para a própria mãe poderia. A ferida latejando... Mas escondida era melhor. Agora estávamos eu, José e Mônica ali no Auditório recebendo a denúncia sem saber o que fazer. Depois de saírem as alunas, a frustração sobre o meu ideário de soberania nacional devia de estar estampado na face. Mônica decidiu me convencer de que era preciso irmos juntos a um terreiro de Candomblé na cidade vizinha. Segundo ela, lá eles poderiam se consultar com o Caboclo Cobra d'Água a respeito de que providências tomar. José recusou, não queria de forma alguma se misturar com aquilo que parecia para ele um símbolo de algo nefasto — a Macumba.

Em seguida, teve um sonho sinistro. Como o vidente Laocoonte fora pego por uma serpente enviada por Possêidon, ele, também José era pego. Uma cobra gigantesca saía, não do mar, mas do Rio Doce — e era um paranauê danado. Apesar de tentar em vão precaver os troianos agora chamados mineiros quanto aos perigos do Cavalo, presente de grego, a cobra o cobria, e o empurrava para o fundo do Rio Doce. Em sobressalto acordou, e se decidiu a, no dia seguinte, ir ao Terreiro recomendado por Mônica. Iria de qualquer modo pensar nas sinistras situações acadêmicas que lhe eram colocadas. Mas sem Mônica, porque tinha muita vergonha de tudo.

\*

No caminho, José se permitiu ainda lembrar como eram os assédios sexuais na grega arcaica segundo a poesia antiga. Ou as deusas e mortais fugiam, como teria sido, por exemplo, no caso de Atena com relação a Hefesto (Cf. *Timeu*, passo); ou tinham de consentir, como Leda perante o cisne — Zeus; ou ainda poderiam morrer, isto é, virar encantada, como aconteceu com a Dafne com relação a Apolo. Nunca essas entidades davam uma volta por cima, um sacode, uma rodada de saia, a não ser quando a coisa já havia ido para o brejo completamente. Aí, vinham as Erínias, para vingar as mortais e as deusas desrespeitadas. Isto para não citar as Moiras, assim como as deusas Thêmis e Nêmesis, cuja falta de clemência no emprego da justiça até hoje se faz sentir. Nem nas tragédias que talvez tenham servido sobretudo como forma de denunciar as atrocidades de que até as sacerdotisas chegavam a ser vítimas: Medeia com relação a Jasão; Édipo com Jocasta; Orfeu e Eurídice; de forma definitiva e

incontestável não era fácil ser uma mulher na Grécia Antiga, ou mesmo uma deusa! Mais ou menos como aqui, em Mariana ou em Coronel Fabriciano, terra do Óleo de Peroba. E até aqui agora não é que não está muito diferente?! Será que nunca poderá ser diferente isto?

\*

Chegando ao Terreiro, José foi se consultar com o Caboclo Cobra d'Água. Logo ficou sabendo tratar-se de um espírito andino aquele com quem ele falava. De impostação de voz vigorosa, o indígena vibrava em um tom numinoso parecendo querer dizer verdades ocultas. No final das contas, José ficou sabendo que deveria voltar no dia seguinte para se consultar com o Ifá.<sup>12</sup>

\*

— O alçar vôo de sua mãe foi estranho, minha filha, porque, pela imagem dos búzios, ela não poderia nem mesmo ter saído do chão! Mas agora não se preocupe. Morreu em paz. Cantou-te os segredos de Musas Ialorixás,<sup>13</sup> minha filha, do chão de terra mesmo. As dores da mãe terra estão símiles àquelas das mães solteiras, largadas por Óleo de Peroba. Que nunca cheguem a reconhecer nem como pinto àquele um foi a escolha dele. Inveja de Deus ele tinha. Já as mães: se pudessem ter sido as verdadeiras autoras de suas próprias vidas talvez pudessem por sua vez terem sido grandes como mamãe: verdadeira autora desta prosa onde se equivalem o Brasil para a Europa e a Grécia de outrora frente a Roma.

12. Jogo de búzios a partir do qual se pode ter acesso tanto ao passado quanto ao futuro.

13. Mães de Santo.

Nossa plumagem marrom esquisitíssima por milênios quase que não pôde mais ser vista, pois de pé, etéreas, e das rochas do mar Egeu logo ameaçavam se jogar quando alguém ouvindo seu canto perdidamente não se apaixonava: ainda assim, desde lá puderam ver tudo o que se passava nos dois cantões do Mar cujo testemunho revelou nada menos do que a guerra de Troia. Nunca a eternidade pôde estar tão imediatamente à mão quanto naquela época. Quanto ao nascimento da morte como pensável tornou possível acontecimentos como estes, marcados por muitos mistérios.

\*

Permitam também que possamos realizar uma última crítica aos párias da Jônia que *simile* em baixeza ao Óleo de Peroba se acreditam no direito de usufruir de corpos femininos em função da hierarquia Patriarcal que ocupam mesmo para pegar geral: sem nenhuma graça deixarão suas próprias vidas, e jamais serão esquecidos, já que nem mesmo lembrados serão. Trabalho realizado pelos bilhetes deixados na boca dos sapos-boi perto do Terreiro. Assim se mostrou: o passado como áureo arcaico e o futuro como ancestral diamante.

FIM

**ANDRÉ MALTA**

Professor de língua e literatura grega antiga na Universidade de São Paulo, tendo obtido por essa instituição os títulos de mestre (1998), doutor (2003) e livre-docente (2013). Realizou ainda um pós-doutorado nos Estados Unidos, pela Brown University (2011-2012). É autor de uma “Tetralogia Homérica” formada pelos livros: 1. *A Selvagem Perdição: Erro e Ruína na Ilíada*; 2. *Homero Múltiplo: Ensaio sobre a Épica Grega*; 3. *A Musa Difusa: Visões da Oralidade nos Poemas Homéricos*; e 4. *A Astúcia de Ninguém: Ser e Não Ser na Odisseia*. Traduziu cinco obras de Platão, além de uma seleção das *Fábulas de Esopo*. É o criador do canal no YouTube “*Isso Aqui Não é Grego*”.

**ANTÔNIO MARTINEZ DE REZENDE**

Possui graduação, mestrado e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente está aposentado como professor associado dessa mesma instituição. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: latim, gramática, ensino, tradução e literatura latina.

**BERNARDO GUADALUPE LINS BRANDÃO**

Formado em Letras Clássicas e Doutor em Filosofia pela UFMG, foi professor na PUC-MG, UFOP e UFPR. Atualmente é professor de Grego Antigo na UFMG. Foi editor do blog/revista *Escamandro* e é autor dos livros *Rua Musas* (2013) e *Enéada VI, 9 de Plotino: uma tradução comentada* (2020).

**FABÍOLA MENEZES DE ARAÚJO**

Fabíola a Cabocla é escritora e pensadora. Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ) e doutoranda em Filosofia Antiga (PUC-RJ). Mantém pesquisas nas áreas de Filosofia Antiga, Contemporânea, e em Ancestralidades Afro-brasileiras. Site: <https://linktr.ee/acaboclafabiola>

**JAA TORRANO**

Possui graduação, mestrado e doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, além de livre docência pela mesma instituição, onde atua como Professor Titular de Língua e Literatura Grega. Autor de *O Sentido de Zeus: O Mito do Mundo e o Modo Mítico de Ser no Mundo, A esfera e os dias. Poemas*, assim como estudos e traduções sobre obras de Hesíodo, Ésquilo e Eurípides. Trabalha com a tragédia grega, pensamento mítico e filosofia grega.

**JACYNTHO LINS BRANDÃO**

Professor emérito da UFMG e professor visitante da UFOP. Autor, dentre outros, do livro de poemas *Mais (um) nada* (Quixote+Do, 2020).

**JEAN TÓTOLA**

Graduado em Filosofia, esse estudioso das artes atualmente trabalha como desenhista e tatuador. A mudança profissional não foi óbice ao seu interesse pelos Clássicos, posto que são ricos e diversos os diálogos travados pela arte com a tradição antiga. Desses diálogos surgem novos olhares sobre nosso próprio tempo, que é precisamente o que o artista espera poder retratar com seu trabalho.

**JÚLIA BATISTA CASTILHO DE AVELLAR**

Doutora e mestre em Letras: Estudos Literários pelo Pós-Lit/UFMG, na área de Literaturas Clássicas e Medievais, e professora de Língua Latina, Literatura Latina e Filologia Românica no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU). Seus interesses envolvem latim clássico, poesia latina, lírica de exílio, recepção dos clássicos. Além da atuação acadêmica, interessa-se pelos diálogos entre música e poesia e por projetos artístico-literários envolvendo canto e tradução.

**PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS**

Possui graduação em Letras (Português, Francês e Latim) pela Universidade de São Paulo (1983), mestrado e doutorado em Letras Clássicas pela mesma universidade (1990 e 1993). Atualmente, é professor assistente da Universidade Estadual de Campinas. Tem-se dedicado ao estudo da poesia latina (Catulo e Virgílio), à intertextualidade nos estudos clássicos e à questão do biografismo na interpretação da poesia subjetiva romana. Nos últimos anos, consagrou-se ao projeto de anotação e comentário das traduções de Virgílio feitas pelo maranhense Odorico Mendes, coordenando o Grupo de Trabalho Odorico Mendes.

**RAFAEL SILVA**

Doutorando em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras (UFMG), com mestrado e graduação na área por essa mesma instituição. Seus interesses e publicações passam por Filosofia e História (Antigas e Contemporâneas), Literatura, além de teoria e prática da Tradução. Tem alguns poemas publicados em antologias e revistas literárias. É o criador do canal no YouTube “Rafael Silva” (<https://www.youtube.com/c/RafaelSilvaLetras>).

**RAIMUNDO CARVALHO**

Nasceu em Pirapora-MG, em 1958. É formado em Letras Português-Latim, tem mestrado em literatura brasileira e doutorado em Comunicação e Semiótica. Publicou *Sabor Plástico* (1983), *Brinde* (1990), *Catábase* (1991), *Conversa com o Ciclope* (1997), *Circo Universal* (2000), *Murilo Mendes: o olhar vertical* (2001), *Bucólicas, de Virgílio* (tradução e comentário, 2005), *Balada do Velho Chico* (2016) e *Língua impura* (2019). Organizou junto com outros pesquisadores *Porque calar nossos amores: poesia homoerótica latina* (2017). É professor na Universidade Federal do Espírito Santo, onde ensina Latim, Literatura, Laboratório de Criação Literária e desenvolve pesquisas na área de tradução poética.



Imagem: Rafael Silva.